



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**SABINO ABNA FUMA**

**OS RITOS DE PASSAGEM NA ETNIA BALANTA (BRASSÁ) NA GUINÉ-BISSAU:  
CERIMÔNIAS E RITOS DE FANADO**

**REDENÇÃO**

**2021**

SABINO ABNA FUMA

OS RITOS DE PASSAGEM NA ETNIA BALANTA (BRASSÁ) NA GUINÉ-BISSAU:  
CERIMÔNIAS E RITOS DE FANADO

Projeto de pesquisado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

**REDENÇÃO**

**2021**

**SABINO ABNA FUMA**

**OS RITOS DE PASSAGEM NA ETNIA BALANTA (BRASSÁ) NA GUINÉ-BISSAU:  
CERIMÔNIAS E RITOS DE FANADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Aprovado em: 24/08/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.º Dr. Luís Tomás Domingos (Orientador/IH Unilab)**

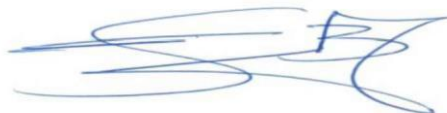
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB



---

**Prof.º Dr. Lourenço Ocuni Cá (Membro examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB



---

**Prof.º Dr. Carlos Subuhana (Membro examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
<b>3.1</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>9</b>
<b>3.2</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>5</b>	<b>HIPÓTESE</b>	<b>10</b>
<b>6</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
<b>6.1</b>	<b>ORIGEM DOS BALANTAS</b>	<b>11</b>
<b>6.2</b>	<b>ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO SOCIO-POLÍTICA DOS BALANTAS</b>	<b>12</b>
<b>6.3</b>	<b>AS ETAPAS DE FORMAÇÃO DE UM HOMEM BALANTA</b>	<b>14</b>
6.3.1	Primeira fase ( <i>bidokn ni ñare</i> )	16
6.3.2	Segunda fase ( <i>nthok fos</i> )	17
6.3.3	Terceira fase ( <i>ngwac</i> )	18
6.3.4	Quarta fase ( <i>nkuman</i> )	19
6.3.5	Quinta fase ( <i>n'hae-nñess</i> )	20
6.3.6	Sexta fase ( <i>blufu ndan</i> )	21
<b>6.4</b>	<b>REQUISITOS E PREPARATIVOS PARA O RITUAL DE FANADO</b>	<b>22</b>
<b>6.5</b>	<b>FÓO O RITUAL DE INICIAÇÃO, NO GRUPO ÉTNICO BALANTA</b>	<b>23</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>29</b>
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O atual território hoje conhecido como a República da Guiné-Bissau era denominado Guiné portuguesa por razão da invasão de Portugal que durou mais de quatro séculos. A Guiné-Bissau localiza-se na Costa Ocidental da África, faz fronteira com o Senegal ao norte, e ao leste e ao sul com a República da Guiné-Conakry e na Costa Oeste o país é banhado pelo Oceano Atlântico. Possui uma superfície total de 36.125 km<sup>2</sup> e uma população estimada 1,874,309<sup>1</sup> habitantes. A sua “superfície habitável é apenas de 24.800 km<sup>2</sup>, devido às terras inutilizadas pelas inundações das marés fluviais e pelo alagamento causado pelas chuvas regulares e periódicas” (AUGEL, 2007, p. 49).

O país está dividido administrativamente por três províncias, a saber: Norte, Sul e Leste, tendo oito regiões que são: Bafatá, Gabú, Cacheu, Biombo, Tombali, Quinará, Oio e Bolama e o setor autônomo de Bissau, além de 38 setores. Comporta uma região insular com cerca de 90 ilhas (BORGES, 2009, *apud* M'BUNDE, 2018). Com efeito, essas “regiões são presididas por governadores e tanto os setores como as seções são presididos por administradores. Todos são escolhidos pelo governo” (ISNA, 2017, p. 15).

No dia 23 de janeiro de 1963, o Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde (PAIGC) iniciou no setor de Tite, que fica situado no Sul do país, a luta armada contra o regime da colônia português, que durou cerca de onze anos.

No dia 24 de setembro do ano 1973, o PAIGC declarou em Madina do Boé<sup>2</sup> a independência unilateral da Guiné-Bissau, tornando-se a primeira das ex-colônias portuguesas a ser independente. No entanto, “Portugal só reconhecerá oficialmente a independência da República da Guiné-Bissau, aquando da deliberação da Assembleia Geral das Nações Unidas, a 17 de setembro de 1974” (BENZINHO e ROSA, 2015, p.12).

Segundo Augel (2007), a Guiné-Bissau, pelas suas características étnicas e pela diversidade cultural que a acompanha, é um espaço em que muitos grupos étnicos distintos e com identidades diferentes convivem e se entrelaçam naturalmente, ou seja, mesmo tendo as identidades, mundividências diferentes, estes grupos étnicos se confluem, formando, assim, uma identidade nacional chamada guineense. Ainda conforme o autor, o país conta com mais de 27 grupos étnicos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://bityli.com/2c0fr>>. Acesso em: 20 de jul de 2021

<sup>2</sup> Madina do Boé é uma cidade e é sector que se situa na zona Sueste da Guiné-Bissau, a sul de Gabu (antiga Nova Lamego) com 3,287,8 km<sup>2</sup>. É um dos sectores mais pobres de toda a Guiné-Bissau. Habitam em Madina do Boé cerca de 12 000 pessoas, distribuídas em cerca de 85 povoações, onde a etnia Fula é predominante.

distintos. Segundo Namone (2020), diferentes grupos étnicos compõem a Guiné-Bissau, o que os definem são seus atributos genealógicos, ou seja, o que diferem esses grupos são as suas linhagens. Entre esses grupos, também existem subgrupos com culturas, estruturas sociais e línguas diferentes. Entre eles podemos citar Balanta, Fula, Pepel, Manjaco, Bijagós, Fulupe, Mancanha e entre outros, o que fez dele um território com diversas línguas, culturas e rituais.

Segundo Araújo (2012, p. 6) por meio disso, pode-se considerar que toda,

esta riqueza baseada na diversidade étnica possibilitou que o país tivesse manifestações artísticas multiculturais tendo em conta os variados usos e costumes. A cultura guineense se enriqueceu devido as várias matrizes étnicas nas quais se manifestam diferentes e múltiplas (mais de 20) expressões linguísticas, danças, expressões artísticas, escultura. (ARAÚJO, 2012, p. 6).

Cada um desses grupos étnicos habitam uma dada localidade no país, por isso, em algumas situações as pessoas designam essas localidades, por exemplo, de tchon<sup>3</sup> de Balanta, Fula, Pepel e por diante. Segundo a organização administrativa do país, no Norte, na região de Cacheu, as etnias Manjaco e Mancanhas são majoritárias, em Biombo, refere-se ao grupo étnico Pepel; no Centro-Norte de Oio, o principal grupo étnico é o Balanta; as áreas de Bafatá e Gabu são principalmente cobertas por Fulas e Mandigas; em Quinara no Centro-Sul, os Beafadas são mais comuns. Em Tombali, no Sul, os Nalus são tradicionalmente identificados, na região de Bolama-Bijagós a etnia Bijagós são os majoritários. Por último, na Região Autônoma de Bissau, as origens étnicas são mistas, mas o território anteriormente pertencia à etnia Pepel. (CARDOSO, 2010).

Diferentes dos restantes mosaicos étnicos que constituem a Guiné-Bissau, os balantas são o único grupo étnico sem um chefe ou um líder reconhecido sendo constituído por uma sociedade chamada horizontal. Cada tabanca tem um ancião, (*omi garandi na língua kriol i lanté ndan na língua Balanta*, literalmente homem grande na língua guineense é lanté ndan na língua balanta), que já passaram pelo ritual do fanado<sup>4</sup>, essa figura tem toda autoridade na sua família. Mas, todas as decisões importantes da morança<sup>5</sup>, é decidida por um conselho de sábios, ou seja, são eles que detêm o poder, porém, não existe um chefe. É importante salientar que esse processo é feito através da tradição oral. Posto isso, “a oralidade é inerente ao homem desde os primórdios da humanidade. O homem se

---

<sup>3</sup> Tabanca onde o grupo Balanta vive.

<sup>4</sup> Fanado é uma palavra em crioulo da Guiné-Bissau que se refere aos ritos de iniciação (NAMONE, 2014)

<sup>5</sup> Morança conjunto das habitações de um agregado familiar, na tradição disposta em forma de círculo, deixando espaço no centro onde as grandes cerimónias são realizadas, ao redor de um templo Zinho.

aproveitou dos sistemas respiratório e digestivo para produzir o som que lhe permitiu a comunicação. (TIMBANE e NAMONE, 2018, p. 7)

Sendo assim, a atitude da civilização oral em relação à fala, que é completamente diferente da civilização que escreve todas as informações importantes. A sociedade oral não apenas reconhece que a fala é para a comunicação diária, mas também é conhecida por manter a sabedoria dos ancestrais, que é altamente respeitada no que podemos chamar de palavras-chave ou tradições orais. (VANSINA 2010)

Para Namone (2014), ainda hoje existe essa forma de transmissão dos conhecimentos, sobretudo nas zonas rurais, em que esses ritos ocorrem em sítios reservados especialmente para a sua realização na Guiné-Bissau, chamados de “*barraca de fanado*”. Essa forma da educação realizada pelas pessoas mais velhas, consideradas detentoras do saber. Porém, é importante salientar que nem todos os velhos são considerados como detentores de conhecimentos.

Literalmente, o termo balantas, significa resistência na língua Mandinga, é uma etnia espalhada na Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia. Eles são o maior grupo étnico da Guiné-Bissau, representando mais de 25% da população total do país.

Conforme Namone, os balantas da Guiné-Bissau são divididos em seis subgrupos:

balantas-cuntohe, ou balantas bravos (brassa bintohe na língua balanta); balantas-nhacra ou balanta de dentro (brassa buungue); balantas-patch ou balantas de fora; balantas-naga (binaga); baltantas-mansoanca ou cunante (bishane) e balanta-mané ou balantas-bijaa (brassa bissonh) estes últimos foram dominados e submetidos pelas mandingas do reino de káabu à religião islâmica, passando adquirir sobrenome mané que pertence à algumas famílias mandingas, daí o nome balantas- mané. (LEPRI, 1987, apud NAMONE, 2020, p. 126-127).

É de ressaltar que as principais diferenças entre os balantas “estão localizadas na língua (sotaques, que são diferentes de um subgrupo para outro, principalmente os balantas-mansoanca que falam a língua totalmente diferente da dos outros balantas)”, sobre essas diferenças, é de fundamental importância lembrar que diferentes dos outros subgrupos, “os balantas-mané [...] praticam a religião islâmica, enquanto os outros praticam principalmente as religiões tradicionais africanas). Muito embora, atualmente, haja muitos balantas católicos, evangélicos e muçulmanos”. (NAMONE, 2020, p. 127).

Sobre isso, Simões vai nos dizer que,

os sub-grupos apesar de pertencerem o tronco Balanta, não constituem um todo homogêneo, entre eles pode-se reconhecer uma sutil diferença cultural, tanto do ponto de vista de um conjunto completo de práticas sociais, que em certa medida diferem, quanto na existência de

traços linguísticos próprios que os identificam um do outro. Contudo, apesar das diversidades morfológicas e fonemáticas patentes, é a língua o principal ponto e fator de encontro e de desencontro onde se atrofia a imagem identitária da sociedade e o sentimento de pertença a um tronco comum que é a Balanta. (SIMÕES, 1935, p. 17).

Posto isso, este projeto de pesquisa visa compreender os ritos de iniciação na etnia Balanta (brassá) na Guiné-Bissau e, em especial, as cerimônias e ritos de fanado no qual os homens têm que passar para se tornarem homens “grandes”, ou seja, a partir dessa cerimônia, homem passa ter legitimidade de certas atividades.

## 2 JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa tem como objetivo compreender como se dão os rituais de fanado na etnia Balanta (brassá), grupo étnico da Guiné-Bissau. Nessa perspectiva, o projeto visa ser desenvolvido no âmbito de conhecer e compreender o porquê que o fanado (rito de iniciação ou passagem) é considerado como uma forma da afirmação social, cultural e religiosa do homem na sociedade Balanta.

O interesse de fazer esta pesquisa, focada na etnia Brassá, conhecida também como Balanta, povo que atualmente vive na Costa de África, concretamente, na Guiné-Bissau, diz respeito ao grupo étnico que eu pertenço, bem como, por querer aprofundar o meu conhecimento sobre ele.

Desde finais dos anos 1980, foi criada uma imagem pejorativa no imaginário social que provém da arena política que as pessoas desta etnia são considerados brutos, golpistas, analfabetos, atrasados, entre outros, por aquelas pessoas que não têm senso de compreensão da dinâmica política e social da sociedade guineense, o que levou a muitas pessoas da etnia Balanta não se sentissem à vontade de pertencer ao grupo ou o prazer de ter nascido dos progenitores balantas (o que não é uma escolha de ninguém). Logo, muitos negaram ser ou fazer parte como membro da etnia Balanta.

Eu mesmo, por muitos anos, não me sentia à vontade de dizer para alguém que sou Balanta. Durante a minha infância, eu nunca fui passar as férias na tabanca<sup>6</sup> dos meus pais, porque o meu tio não aceitava, que eu passasse as minhas férias na aldeia, pois, ele acreditava que algo de mal podia acontecer comigo. Na etnia Balanta existem alguns rituais, por exemplo, se uma pessoa sentir inveja de outra ela pode aplicar um feitiço para lhe fazer mal, que pode até levar à morte. Meu tio me impedia de visitar os meus familiares que viviam na tabanca.

---

<sup>6</sup> É o conjunto de Moranças de diferentes Grandes Famílias, instaladas numa determinada povoação, que tem, sempre, um nome próprio.



A primeira vez que conheci a tabanca da minha avó materna foi no ano 1998 durante a guerra civil da Guiné-Bissau. Precisei ficar lá durante um ano, por causa do conflito militar que durou onze meses. Entre 7 de junho de 1998 a 7 de maio de 1999. Com o passar do tempo, acabei por me familiarizar com algumas práticas da minha etnia (Balanta). Antes não entendia e nem sabia falar uma palavra na língua Brassá/Balanta, mas ao conviver com a minha avó e com os meus primos, acabei por aprender a falar Balanta e enquadrar no ambiente sociocultural.

Passei a assistir às cerimônias de “*toca tchur*” (ritual de invocação das almas dos entes queridos), cerimônias de iniciação, de dança de “*kussunde*”, “*canta po*” ou “*fbalack*,” (Manifestações peculiares que coloca em competição diferente tabancas que procuram conquistar o título de vencedor nas categorias de música e dança). Essas práticas, entre outro sentido, constituem o complexo cultural da etnia Balanta.

Em 2016, fui assistir à cerimônia de fanado que a morança do meu pai organizou, onde os meus tios e primos mais velhos foram iniciados. Foi a minha primeira vez na morança. Durante a manifestação das mulheres e de toda a família fiquei muito feliz e, acabei por entrar na manifestação com a família. Isso me motivou a querer conhecer mais a realidade sobre a minha etnia, sua cultura, crença e identidade e, sobretudo, o processo ritualístico de fanado.

Segundo Siga, (2015) identidade é uma forma de representar as pessoas, incluindo toda a sua existência e modo de vida. É a expressão cultural de um grupo específico de pessoas. A cultura é a vida das pessoas, suas roupas, crenças religiosas e a maneira como vê o mundo. “A cultura, sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é assim um elemento essencial da história de um povo”. (CABRAL, 1980, p. 58)

Em 2018 vim para o Brasil para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e uma das disciplinas daquele primeiro semestre era o curso Sociedade, Diferença e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos. Tivemos como atividade a apresentação de um seminário, em que precisávamos falar da Guiné-Bissau, em geral, incluindo algumas etnias da Guiné-Bissau. Como era para falar de alguns grupos étnicos na Guiné-Bissau, iniciei a pesquisa e acabei por ter contato com algumas monografias de alguns alunos que estudavam nesta mesma instituição, assim como dissertações e teses de outros estudantes que tratavam sobre o processo ritualístico de fanado na etnia Balanta.

Dos trabalhos que tive a oportunidade de ler, destaco as monografias feitas por estudantes da UNILAB, particularmente o trabalho de Isna Na Sia intitulado “Dança do povo Brassa (Balanta) da Guiné-Bissau na Contemporaneidade” (2017) e do Fernando Siga, cujo título é: “A Organização

social, política e religiosa dos Balanta: Usos, Costumes e Rituais”. (2015). Após a leitura destes e de outros trabalhos, livros e artigos, percebi a necessidade de contribuir para temas desta natureza, que tem como objetivo tratar do grupo étnico Balanta na Guiné-Bissau.

Deste modo, o presente trabalho poder-se-á contribuir para ajudar as futuras gerações, como também, a toda a sociedade guineense, principalmente aqueles que desejam entender melhor sobre essa etnia e, principalmente, sobre as práticas de fanado como um dos ritos muito importante na cosmoperspectivas dos balantas. Assim como, contribuir com a quebra de preconceitos sobre a etnia e as ideias pejorativas sobre as sociedades Balanta. Em outros termos, o trabalho servirá como fonte de consulta para os futuros pesquisadores ou pesquisadoras que desenvolverão as suas pesquisas nas Ciências Humanas e, sobretudo, nas Ciências Sociais, destacando a Sociologia, Antropologia, etc., que visam entender o assunto conforme com a realidade do grupo.

A relevância desta proposta, se dá pela importância para a sociedade guineense, porque o problema que está sendo apresentado é muito complexo e ainda pouco discutido pelos pesquisadores guineenses e estrangeiros. Com isso, por meio da sua concretização, o trabalho poderá possibilitar uma reflexão crítica sobre a prática em análise e, conseqüentemente, trazer alguns respaldos fáticos com um entendimento mais proficiente sobre o assunto em averiguação.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender os significados dos ritos de passagem, como as cerimônias e os ritos de iniciação de fanado dos balantas na Guiné-Bissau.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Entender como se dá o processo de iniciação (fanado), e o sentido que é atribuído, social e culturalmente;
- Compreender a cosmopercepções dos balantas em termos da organização política e cultural a partir da sua relação com natureza;
- Analisar os arcabouços em que os conhecimentos são transmitidos de geração em geração através da oralidade no processo de iniciação, conhecido como fanado.

#### **4 PROBLEMATIZAÇÃO**

O problema existente na sociedade Balanta sobre o ritual de iniciação (fanado), é que na cosmologia Balanta a pessoa que não passou pela iniciação é considerada imatura, incapaz de assumir as suas responsabilidades, e, portanto, não pode assumir a responsabilidade da família, pois, no grupo étnico Balanta, a cerimônia de fanado (ritual de iniciação), significa a passagem da puberdade para a fase adulta. Bem assim, é considerada como a fase mais importante na vida de um Balanta. Conquistar ou atingir essa fase significa ter cumprido todo o dever ou melhor, os requisitos de um homem nas cosmopercepções dos balantas. Posto isso, indaga-se: o porquê que os balantas valorizam tanto o ritual de iniciação (fanado)? Como é visto o processo de iniciação na sociedade e quais seus impactos sociais e espirituais? Como se dá o processo da formação da sociedade Balanta? Qual é o valor e sentido do ritual do fanado para os balantas? Porque que o ritual do fanado é considerado como uma das mais importantes cerimônias na sociedade Balanta? Como a sociedade Balanta vê e julga um jovem do grupo que recusa a proposta de passar pelo ritual de fanado? Porque é que na cosmopercepções dos Balanta um homem que não passa pelo ritual de fanado é considerado imaturo?

#### **5 HIPÓTESE**

Jovem Balanta que não passa pelo ritual de fanado é vedado de certos privilegio na aldeia também é considerado imaturo, porque o fanado é a cerimônia mais importante do grupo, cumprindo o ritual o jovem passa a ganhar prestígio dentro da sociedade, pois é ali que os jovens aprendem a se comportar na comunidade.

#### **6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O nosso trabalho se fundamenta nos seguintes autores como Cammilleri (2010), Simões (1935), Sia (2017), Siga (2015), Ginnepe (2012), Mansk (2009), Delgado (2008), Cutsau (2017), Longna (2019), Timbane e Namone (2018), Namone (2020) e entre outros, que tratam sobre o assunto em pesquisa.

## 6.1 ORIGEM DOS BALANTAS

Com a queda de alguns Impérios africanos nos finais do século X, houve um processo migratório para todo o território africano, por exemplo os Mandingas vindos do Império de Mali tinham uma ligação forte como o Império de Gabú que era uma região administrativa do Império de Mali. “Os Mandingas, vindos do interior da África, expandiram-se através de invasões, submetendo pouco a pouco outros grupos, deslocando-os para a costa e impondo sua supremacia” (AUGEL, 2007, p. 51).

Nesse sentido, devido ao seu longo isolamento e à falta de vontade de sucumbir ao governo de Mandinga, o nome dado ao povo (Balanta) hoje parece ser derivado da deturpação do termo abalanta em Mandinga, que significa os que refutam. O nome foi atribuído aos balantas por volta do século XV. E nessa mesma linha de pensamento, Simões (1935), afirma que a outra versão da origem dos balantas é fruto da conexão entre mulheres papeis e homens biafadas ocorrida nos assentamentos originais de Dugal e Nague na região de Oio. Além disso, Dugal se refere ao hospedeiro da língua biafada, a palavra biafada na língua Balanta se refere ao irmão e filho do mesmo pai.

Carreira (1959, s/p. apud Cammilleri 2010, p. 15) afirma que, o termo “Balanta” em língua “mandiga” exprime-se: ebalanta. Decompondo este vocábulo obtém-se: É (eles), - bala (negar), - nta (morfema repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar, a revoltar-se; logo os rebeldes, os indomáveis e os inacessíveis. Pois, nesse sentido segundo Namone (2020, p. 131-132), afirma que “os balantas são conhecidos como povo socialmente igualitário. É um povo que detesta a hierarquia social nos líderes e liderados, como também, recusa a submissão ou a dominação de qualquer espécie”. Assim sendo, os balantas participam ativamente nos movimentos de luta de libertação nacional, objetivando libertar o país do jugo colonial português.

Cammilleri (2010, p. 14), ressalta que

O nome com que é definido um povo é muito importante porque exprime uma forma de comportamento e uma forma de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com um juízo de valor. Nomear quer dizer julgar, classificar e definir. Um nome que um povo dá a si mesmo por vezes pode diferir daquele que outro povo lhe dá.

O povo Balanta dificultava muito os colonizadores portugueses na luta de libertação nacional “não é por acaso que tanto os imperadores mandingas do reino de Káábú, como os conquistadores portugueses, os chamavam de rebeldes, após tentativas frustradas de dominá-los, com

exceção dos balantas manés, dominados pelas mandingas”. (NAMONE, 2020 p. 132). Os Brassas, em comparação aos outros mosaicos étnicos que compõem o povo guineense, foram os que mais participaram da luta de libertação. Por isso, Namone (2020, p. 131, apud Cabral, 1978, p. s/d) vai nos dizer que “a fácil adesão dos balantas à luta de libertação nacional (1962-1973) deve essencialmente à forma como a sua sociedade se encontra organizada, isto é, na base da justiça e da igualdade social, livre e querendo continuar a ser livres na sua terra”.

Segundo Siga (2015) “o grupo étnico Balanta está dividido entre a Guiné-Bissau, o Senegal e Gâmbia, é um dos maiores grupos étnicos do país, representando assim mais de 30% da população<sup>7</sup> total da Guiné-Bissau”. Deste modo na concepção do Cammilleri (2010, p. 18), hoje os balantas “se encontram em quase todas as regiões do país [...]. Sem considerar o Setor Autônomo que é Bissau”. Atualmente os balantas encontram-se em várias localidades do país. Sobre os locais onde se pode encontrar o povo Balanta, pode-se dizer que,

BALANTACUNDA, isto é, territórios dos BALANTAS, encontravam-se os seguintes grupos: Balanta Naga, Bajob, Canja e Binako. Os territórios de rio Cacheu e rio grande de Geba, chamado “Botche ni BRASSA” (terra dos Balantas, continua ainda hoje a ser ocupada por grupos Balantas, que por sua valentia eram chamados BRAVOS (kuntoé, Mané, Mansonca, Brasa). Os Balantas chamados BU-UNGE, DE AVE MIGRATORIA, UNGE, são os da diáspora, presente em Regiões: Quinara (centro), Tombali (sul) e Biombo (oeste). (CAMMILLERI, 2010, p. 18).

Semedo (2015) explica que, devido à necessidade de sobrevivência do grupo, os Balantas começaram a migrar para outras zonas do país, principalmente para as regiões norte e sul”. Para Lima Handem (1986, p. 30 apud Semedo 2015, p. 18) essa migração se deu por duas questões primeiro ele aponta que a ordem econômica é afetada pela maré, motivo que leva esse povo a procurar novas terras para o cultivo de arroz, principalmente, apontou a seguinte resistência política à adaptação cultural, que surge da necessidade de a sociedade manter sua autonomia social política e cultural. “A expansão dos Balanta dentro do território da Guiné-Bissau fez com que houvesse a miscigenação destes com outros povos existentes no país, principalmente o pepel”. (IONGNA, 2019, p.17).

## 6.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS BALANTAS

<sup>7</sup> Mas, segundo o censo de 2009 que a INEC fez, mostra que, os fulas tem um percentagem maior em comparação ao Balantas, com 28.5% da população guineense e os Balantas com 22.5%.

O grupo étnico Balanta está dividido em dois grandes grupos: Balanta kuntowe e Buunge mais conhecido por balanta Nhacra Segundo Cammilleri (2010), entre os balantas o mais legítimo são os bkuntoe, e buunge é separado de bkuntoe devido à migração. Na verdade, o singular unge e o plural buunge correspondem ao nome de uma espécie de ave viajante, que aparece em grupos quando o arroz está maduro. Para Seide (2017, p. 23), entre os balantas, [...], existem formas de estabelecimento e reconhecimento de relação de parentesco, tanto na linha reta, como na linha colateral”.

Dentro de qualquer país, ou numa determinada sociedade, para garantir a ordem e um bom funcionamento é preciso ter uma figura máxima (um presidente, rei, regulo etc.) que representa toda a coletividade aplicando modelos políticos, sociais e econômicos, mas a sociedade Balanta é totalmente diferente. Porque possui “[...] uma sociedade gerontocrata, cuja organização se assemelha aos Beafada e aos Nalu, ao mesmo tempo em que é diferente da organização da maioria dos povos da Guiné-Bissau”. (SIA, 2017, p. 25). De acordo com Simões, a sociedade balanta é diferente de

[...] outras sociedades étnicas da Guiné-Bissau, que apresentam uma estrutura piramidal vertical, tendo no regulado a definição institucional hierárquica do exercício do poder, entre os Balantas funciona uma estrutura colegial organizacional, de matriz considerada horizontal, mas com forte pendor democrático. De fato, o exercício e controlo sobre a vida social, os denominados “lanté n’ dan”, responsáveis para opinar sobre normas da vida social, religiosa, econômica, jurídica e política do grupo. (SIMÕES, 1935, p. 19).

Segundo Sia (2017), a estrutura política do Brassá é horizontal, ou seja, “apátrida”, normalmente existem duas instituições comunitárias: a comissão de anciãos, composta inteiramente por homens circuncidados, e a comissão de anciãs, composta apenas por mulheres casadas. Geralmente, podemos entender que “nessa sociedade, verifica-se na questão de gênero sexual, porque há grupos de anciões e anciãs, ambos fazendo trabalhos, outrora, em conjunto para o bem-estar da sociedade”. (SEIDE, 2017, p. 22). No entanto, “a hierarquia regulada é desconhecida, e por isso costuma-se dizer que os Balantas têm uma cultura horizontal politicamente em que o poder não é exercido por uma só pessoa, mas com a responsabilidade de toda a comunidade”. (IONGNA, 2019, p. 17-18).

No entanto, como outras etnias do país, os balantas praticam a poligamia e o sistema social patriarcal. As mulheres balantas também têm segredos e até mesmo o direito de tomar decisões nas reuniões dos anciãos de *Tabanka*, especialmente no âmbito familiar. Por exemplo, eles são responsáveis por encontrar outra esposa para o marido. De acordo com Sia (2017), no grupo étnico Balanta, a mulher tem muitas regalias nas suas sobrinhas, porém ela tem o direito de educá-la, quando

está à altura de se casar a tia tem o direito de oferecê-la em casamento par o seu marido, caso este tenha interesse, ou para qualquer homem dentro da morança. É muito importante explicar essa questão de dar em casamento as meninas na etnia Balanta. Antigamente, as meninas não recusam essa prática, pois elas dão respeito e consideração a sua encarregada, mas atualmente, se a menina não gosta do seu futuro marido ela pode recusar.

E sobre as funções destas duas instituições máxima que compõem a estrutura política do grupo étnico Balanta, Sia (2017) nos coloca o seguinte:

de um modo geral, esses órgãos são compostos por pessoas aptas que tomam em conjunto a decisão no que concerne ao bem-estar da *tabanka* e servem para a resolução de seus eventuais problemas. Ninguém dentro da *tabanka* ousa infringir as decisões desses órgãos, pois, se o fizer, certamente será punido conforme as regras estabelecidas por eles. (SIA, 2017, p. 25).

Na sociedade Brassá, não existe um poder central, porque não tem um chefe máximo, mas sim em cada tabanca e morança existe um velho (*omi garandi*), que já passou no ritual de fanado. Eles são incumbidos de cargos mais privilegiados na sociedade Balanta. Segundo Simões (1935), por esta razão, as tentativas de entender a forma horizontal de Balanta como uma estrutura social na qual o poder é distribuído uniformemente são equivocadas, ou seja, representa uma interpretação alienígena das estruturas políticas dos balantas. Existe uma hierarquia que respeita a sociedade desde as categorias básicas até que o poder seja exercido e atinja os níveis sociais e políticos mais elevados. Porém vale salientar que a hierarquia não se refere-se uma demarcação que visa subjugar outrem, mas são elas que orientam as diretrizes da comunidade, possibilitando uma relação da confluência entre os membros da comunidade.

### 6.3 AS ETAPAS DE FORMAÇÃO DE UM HOMEM BALANTA

Para passar de camponês a operário e mesmo de servente de pedreiro a pedreiro, é preciso satisfazer certas condições que, entretanto, têm de comum assentarem somente em uma base econômica ou intelectual. Em vez disso, para o indivíduo que é leigo torna-se sacerdote, ou inversamente, é preciso executar cerimônias, isto é, atos de um gênero especial, ligados a uma certa tendência de sensibilidade e a determinada orientação mental. Entre o mundo profano e o mundo sagrado há incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário. (GENNEP, 2012, p. 23).

Na sociedade Balanta, uma pessoa que não cumpriu com os requisitos, ou melhor, não passou em todas as etapas de formação, pelo ritual de iniciação, é limitado de participar em certas atividades da comunidade, por exemplo, de participar nas cerimônias importantes da comunidade, na

tomada de decisão, acima de tudo, essa pessoa não é considerada responsável, ou melhor, a pessoa é capaz de assumir suas responsabilidades familiares, sociais, políticas e religiosas. Por isso na percepção do Genep (2012, p. 24), em qualquer sociedade, esse processo “consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem”, permitindo o pesquisador olhar as outras perspectivas.

Na etnia Balanta, o mundo material e o mundo espiritual são indissociáveis, pois todos os fenômenos, sejam naturais ou sociais, como falta de chuva ou seca, colheitas ruins, epidemias e doenças, a prática de rituais e casamentos que ocorrem na realidade da sociedade Balanta outros rituais têm explicações baseadas em fenômenos espirituais. Para Genep (2012, p. 24), “Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano” que possa pôr em causa o normal funcionamento da sociedade na sua plenitude. É importante salientar que o processo de transição,

é o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (GENNEP, 2012, p. 24).

Segundo Namone (2020), na sociedade Balanta, o ritual de circuncisão é uma etapa de formação sobre os fenômenos que regem o funcionamento desses dois mundos material e espiritual, bem como é um dos lugares para os indivíduos aprenderem as regras de comportamento que representam como uma pessoa deve comportar e conviver nessa sociedade.

Entretanto, “para saber interpretar esse fenômeno, a pessoa precisa necessariamente passar por diversas fases do rito de iniciação” (NAMONE, 2020, p. 42). Normalmente, “essas fases de formação dos homens na sociedade Balanta têm seguintes nomes: bidokn ni ñnare, nthok fo, ngwac, nkuuman, n’hae-ñness, blufu ndan”. Cammilleri (2010, p. 57). O autor afirma que esse período começa com a idade entre cinco e sete anos e termina aproximadamente entre os 26 e 30 anos. Ainda ele afirma que essas, “etapas de idade em uso entre os Brassá não são todas idênticas, mas variam no número e por vezes no conteúdo por motivo de adaptação e das experiências específicas de cada comunidade”. Para Genep (2012, p. 16), “a interpretação de uma fase é sempre



parcial e, por veze, enganadora, mas o estudo do momento anterior e do momento posterior é fundamental par o entendimento do ritual”.

### 6.3.1 Primeira fase (*bidokn ni ñare*)

Faz parte desse grupo as crianças a partir dos 6 a 12 anos, elas costumam andar sem roupas, são pastores e responsáveis pela vigia dos gados da aldeia, sempre costumam ter em mão um pau curto e forte, e é um símbolo que as identifica. “É de se destacar que essas crianças recebem o ensinamento pastoril desde casa, através dos seus pais ou encarregados da educação ou, ainda, pelos seus irmãos ou primos maiores, que os ensinam a maneira correta de lidar com as vacas, como domesticá-las para não se tornarem agressivas”. (NAMONE, 2020, p. 161). Nesse sentido, a principal,

tarefa destas crianças é reunir as vacas por volta das sete da manhã, leva-las para uma determinada pastagem sempre dentro do território pertencente à aldeia (2/3 km de raio), vigia-las para não caírem nos poços ou nas covas, para não invadirem os campos cultivados e os recintos das casas, impedir que sejam roubadas ou perdidas. Por volta do meio-dia, reconduzem a manada para casa para o bebedouro e descanso. Momento oportuno para descansar e comer suas refeições em casa. Nas primeiras horas da tarde acompanham novamente a manada para as pastagens mais próximas porque ao pôr-do-sol, todo o gado deve descansar. (CAMMILLERI, 2010, p. 58-59).

Na verdade, não é nada fácil o trabalho dessas crianças, pois cuidar da manada não é uma coisa simples para a criança dessa idade, mesmo assim, elas são responsabilizadas de/para cuidar das vacas para que não aconteça nada de mal e, principalmente para não faltar nenhuma delas, ou seja, não serem roubadas. “Estas tarefas são muito importante e não faltam as sanções para quem for responsável por algum dano: perder uma cabeça de gado, provocar danos nas culturas, deixar roubar por negligência, não vigiar o gado de forma correta são culpas que vão ser castigadas com ações, jejum”. (CAMMILLERI, 2010, p. 59).

Para que todo o grupo seja unido e ordeiro, respeitando as tarefas de todos, um líder é selecionado de *bidokn ni ñare*, geralmente, a pessoa mais madura e reconhecida como tendo o direito de domar o gado. O local de pastagem exige a obediência. Se houver algum capricho repentino ou turbulência, o líder tem o direito de repreendê-lo ou mesmo puni-lo fisicamente ou moralmente. Sobre esse assunto, Namone (2020, p. 162), afirma que:

Os mais velhos, a quem cabe a função de controlar as atividades dos mais novos e direcioná-los de melhor forma possível. São eles também os responsáveis por vigiar as vacas para não

desaparecerem ou serem alvos dos ladrões, pois são eles que respondem pelo desaparecimento ou por qualquer problema que acontece com a vaca na pastagem. Cabe também a eles a função de punir os mais novos quando estes cometem algum erro.

O trabalho de pastor não impede essas crianças de tirar um tempo para brincar, é nessa atividade que eles aprendem muitas coisas por exemplo, pescar, lutar, caçar e procura de frutas nas matas. É de ressaltar que os cães ajudam essas crianças a caçar os animais de pequeno porte, a saber: lebre, esquilos e outros que podem aparecer durante o momento da caça. O que eles conseguiram durante a caça é comido por todos como sinal de união e de solidariedade no grupo. “A partir desse momento, começam a aprender a trabalhar em equipe para poderem ter a noção da comunhão, da solidariedade e da ajuda mútua. Espera-se que elas aprendam o ofício de pastor, de caçar e de ter o cuidado com a natureza, tornando-se, portanto, mais independentes”. (SIA; CAFÉ, 2021, p. 13).

### 6.3.2 Segunda fase (*nthok fos*)

Literalmente, o significado de nome *nthok fos* na língua Balanta significa acender fosforo. Normalmente, o grupo é composto por meninos com a idade a partir de 13 a 15 anos, a principal função desses meninos é levar recado e segredos dos anciãos e das anciãs de uma aldeia para outra, além disso, estes também são responsáveis da compra de gásóleo usada na luminária no período da noite. *Nthok fos* são os auxiliares dos mais velhos da aldeia. Para Cammilleri (2010), quando os trabalhadores resolvem passar o dia todo a trabalhar nos arrozais sem voltar para casa, esses meninos sempre ajudam a levar água e aguardente aos trabalhadores.

Para marcar a existência do grupo, esses meninos usam símbolos que os identificam, por exemplo, as decorações corporais, nos calções deles é possível encontrar diversas faixas coloridas e perolas coloridas mais um pequeno espelho; para fortalecer o ritmo dos pés durante a dança, eles usam no tornozelo coco seco da manga e dentro desse coco eles costumam colocar as pedrinhas para poder transmitir um som.

Cammilleri (2010), ressalta ainda que, esse período dura dois anos, porém, durante esse tempo os mais velhos aproveitam para ensinar esses meninos a trabalhar, como por exemplo no cultivo de arrozal, a principal atividade de um homem Balanta. Os meninos desempenham funções muito importantes na aldeia e na manutenção da memória coletiva da comunidade, ou seja, esses meninos fazem trabalhos para as suas famílias e a comunidade em geral.

Os *nthok fos* tornam-se também indispensáveis para os trabalhos domésticos e relacionados com a casa de habitação como entrelaçar a palha reposta anualmente na cobertura da casa, cortar e transportar as folhas de palmeiras para a construção do recinto que cerca as casas da família alargada (*morança*), participar assiduamente com toda a família na ceita do arroz e cuidar dos animais domésticos, sobretudo das galinhas, dos porcos e menos frequentemente das cabras. (CAMMILLERI, 2010, p. 61).

Cammilleri (2010) revela que para esses adolescentes, faz sentido ser membro do grupo, pois para além de fazer diferentes trabalhos da família, as tarefas deles lhes proporciona a possibilidade de lazer, desafio e prova(s) de habilidade(s). Como outros grupos, esses meninos também costumam ter seus líderes. O líder é escolhido para liderar os colegas de grupo e, trabalhando a perspectiva da solidariedade e do trabalho em equipe, ajudando todos a desenvolver as suas habilidades pessoais e em equipa. E ainda o autor ressalta que o “papel do chefe de grupo é manter a ligação entre todos os membros, conhecer as experiências de trabalho de cada um, receber os pareceres e as queixas dos anciãos e, na base disso, a plicar os sansões aos infratores”. (COMMILLRI, 2010, p. 61-62).

Após os dois anos referente a fase *nthok fos*, os *blufus ndan* costumam convocar uma assembleia na comunidade para anunciar o fim da jornada desses adolescentes. A partir desse momento, eles passam a ser reconhecidos como *ngwac*, a próxima fase da formação masculina do grupo Balanta.

### 6.3.3 Terceira fase (*ngwac*)

Faz parte desse grupo, os adolescentes de 15 e 18 anos. “Nessa idade o jovem goza de uma certa autonomia e pode empreender viagens quer individuais que em grupo para visitar parentes e amigos fora da zona e ir à caça de animais de pequeno porte”. (CAMMILLERI, 2010, p. 63).

Cada fase define o desenvolvimento técnico, físico e moral de aprendizado dos jovens Balantas, eles sentem à vontade e alegria de dar as suas contribuições na aldeia. Segundo Cammilleri (2010, p. 63), “os jovens *ngwac* são muitos habilidosos nos diversos trabalhos do campo: na lavoura, na ceifa e na debulha, operações que exigem todas eles o emprego da força física e treinamento”. Porém, costumam levar consigo “nas viagens, nos trabalhos e mesmo durante as festas levam [...] uma grande faca como sinal de orgulho, de autossuficiência e de força”. (CAMMILLERI, 2010, p. 63).

Devido à força física dos *ngwac*, são incumbidos muitos trabalhos na aldeia, também através disso eles ganham a confiança dos mais velhos do povoado.

no ciclo formativo do jovem esta faixa etária ocupa a parte central, a determinação da afirmação das suas capacidades torna-se mais intensa e os anciãos, para satisfazer esta exigência, são particularmente generosos em informações e ensinamentos relacionado sobretudo a diversas qualidades do arroz, qualidades dos terrenos, a caça, a pesca e a criação de gado para as quais são ministradas lições de zoologia e de veterinária incluindo as técnicas para facilitar o parto dos animais. Os métodos de observação, de análise e de aplicação são transmitidos de forma empírica, mas fiel à tradição. Estes jovens exprimem orgulho não só pela força física que aumenta neles, mas também pelas habilidades que vão adquirindo e que lhes permitem tornar-se autônomos na execução das suas tarefas. (CAMMILLERI, 2010, p. 63-64).

Cada *ngwac* geralmente tem um triângulo que pode ser feito de madeira ou papelão como um símbolo do grupo, e alguns cortaram habilmente um mosaico branco para fazer dois triângulos. “A elegância deste símbolo das músicas e canções que eles mesmo criam e tocam ou acompanham com uma guitarra tradicional construída por eles com uma abobora revestida de pele de cabra ou de gazela combinada com uma vara sobre a qual são esticadas quatro cordas de fio de pesca”. (CAMMILLERI, 2010, p. 63).

#### 6.3.4 Quarta fase (*nkuman*)

Os jovens entre 18 e 21 anos é que constitui esse grupo “Os *nkuuman* têm algumas atividades específicas devido ao elevado grau de força física por eles alcançado, podendo cortar com o machado as grandes árvores e dirigir a sua queda de maneira a não prejudicar pessoas e bens”. (CAMMILLERI, 2010, p. 64). E ainda segundo autor, tartaruga é o animal escolhido pelo grupo, símbolo que representa a resistência física e a sabedoria.

Devido à sua força e à sua resistência, os *nkuman* “representam a principal força da lavoura nos terrenos dos arrozais; para isso lançam desafios e organizam verdadeiras competições de velocidade no trabalho entre todos os lavradores [...] onde cada uma faz valer a sua força e habilidade”. (CAMMILLERI, 2010, p. 64). O autor ressalta que a força de trabalho agrícola de *Nkuuman* também é servida pela coalizão matrimonial para outras famílias relacionadas a famílias jovens. Isso pode incluir viagens a terras distantes e semanas de diligência em áreas distantes.

Este grupo, cujo líder é escolhido por *blufu bindam*, precisa ter qualidades extraordinárias para garantir coesão e controlar os membros. Eles representam não apenas a genealogia, mas também os ancestrais da sociedade Balanta, que se acredita serem os fundadores dessa cultura e padrões nos quais estes estão seguindo. (CAMMILLERI, 2010).

### 6.3.5 Quinta fase (*n'hae-nñess*)

Essa etapa é formada pelos jovens de idade a partir dos 21 aos 24 anos. No entendimento do Simões essa fase, “marca o início de uma intensa vida laboral e social, o que simboliza sociologicamente o começo de “*matchundandi*”, ou seja, da virilidade”. “os *n'hae* distinguem-se de todos os outros grupos pela forma como se apresentam e se comportam em público”. Geralmente esses jovens “costumam cobrir o corpo com argila ou com farinha de mandioca, levam ao pescoço, nos braços e nos pés, grossos anéis de cordas de fibras vegetais[...]; andam sempre em grupo e para atraírem a atenção sobre eles tocam continuamente um corno de búfalo”. Normalmente, mostram afeto e coesão entre eles, portanto, “é o grupo de jovens que mais vive unidos e solidário de fato: dormem juntos numa casa reservada para eles, tomam juntos as refeições no espaço atrás da casa, vivem sempre à margem da família e da comunidade, são conhecidos como grandes comedores”. (CAMMILLERI, 2010, p. 66)

De acordo com Sia (2017, p. 29):

durante essa fase ficam descalços e andam sem camisa mesmo que vão a um lugar distante; os seus símbolos são o chifre de vaca e o de carneiro para extrair sons; untam todo o corpo com lama branca, constroem uma bolsa de palha de palmeira para pôr a comida deles em cada moransa que chegarem, dentre outros hábitos; as lamas que os *n'ghaies* usam são as fardas que os identificam como tal; também usam malila, lope, correntes e o seu papel na tabanka é lutar.

Sobre isso Simões (1935, p. 23), por sua vez afirma que os *n'haes* “participa intensamente na atividade agrícola, sopra chifre, usa manilhas de manilha, raspa algumas partes da cabeça e deixa a outra e é grande dinamizador de diversão na morança com dança e músicas”. Ainda o mesmo autor explica que esses grupos, “desempenham a mesma função que o antecessor, no entanto, é mais extravagante, usa lenços na cabeça, faz trança, usa guarda-chuva, colares e veste fundinho”. (p. 23).

Com todo esse comportamento, “os *n'hae* são trabalhadores incansáveis, a eles estão reservados os trabalhos mais pesados: sobretudo compete a ceifa do arroz, descascá-lo com os paus, construir casas começando pela preparação dos adobes, diques dos arrozais, vedações, e limpeza do ambiente”. A além disso, o mesmo autor afirma que estes desempenham o papel importante para os anciãos da aldeia, por exemplo, “podem ser enviados por outros grupos de idade acima deles para outras zonas para desmatação de terrenos amanhos para todo o tipo de cultivos: hortas, compôs de milho e de mandioca”. (CAMMILLERI, 2010, p. 66).

Conforme a tradição dos Balantas, esses jovens não podem ter relações sexuais e muito menos de se casar, pois eles sempre usam coisas que podem afastá-los de uma mulher, sobre isso Cammilleri (2010, p. 67), afirma que,

o *n'hae* encontra-se num dos períodos mais críticos porque, enquanto que os impulsos sexuais são mais fortes, a tradição urasa não permite o casamento esta fase e tenta atenuar ou reprimir os estímulos da natureza através de normas que se tornaram costumes específicos dos jovens desta fase: vive sempre em comum com os colegas, afastados do resto da sociedade e em particular das mulheres que são mantidas à distância com frase desagradáveis e gestos excêntricos, não tomando banho por longos períodos o que constitui uma forma de autosegregação.

Depois de dois anos, “os *n'hae* são convocados para uma assembleia na qual recebem orientações sobre a maneira de enfrentar a vida conjugal e suas consequências”. (CAMMILLERI, 2010, p.67). Para isso, o mesmo autor afirma “jovens são feitos banho ritual na água do rio ou da fonte próximos da aldeia. A este banho e aos rituais complementares chamam-se *nñess* (ritual de iniciação sexual)”, a partir desse momento eles “assumem uma certa solenidade junto de muitos grupos brasa”. Portanto, esses rapazes,

podem ter relações sexuais ou casar de maneira não ainda oficial porque o reconhecimento público do casamento só poderá ser feito depois do cerimonial da circuncisão. No entanto, o *n'hae*, a sua mulher e os filhos dele ficam sob a tutela paterna que é a do chefe da família alargada. (CAMMILLERI, 2010, p.67).

### 6.3.6 Sexta fase (*blufu ndan*)

Os homens Balanta quando passam pelo estágio *blufu* (jovem adulto na língua Balanta). Eles são jovens adultos com uma certa responsabilidade social, mas ainda não chegaram na fase de fanado (circuncisão). Essa fase pode durar até 50 anos, mas não ir para fanado nessa idade é uma vergonha para os homens.

Essa fase, dura mais anos em relação aos anteriores, pois dura mais de seis anos normalmente, os jovens costumam entrar nessa fase com a idade de 24 anos e só sai aos 30 anos, ao concluir essa fase, o jovem passa a ser considerado como um candidato para o grande ritual de circuncisão, e é a última fase da formação dos homens na sociedade Balanta, passar pelo ritual significa chegar a fase adulta nesse grupo. “Literalmente o termo *blufu ndan* significa jovem grande porque, embora se encontre ainda em formação e sob a tutela paterna, começa a gozar de uma certa liberdade de interpretação e autonomia no seguimento das normas tradicionais e das ordens dos anciãos”. Geralmente nas aldeias dos Balantas, “os *blufus ndan* constituem o ponto de ligação entre

os anciãos que decidem as orientações da vida familiar e comunitária e os grupos de jovens que as devem executar”. (CAMMILLERI, 2010, p. 67).

Insistindo com a ideia do Cammilleri (2010, p. 67), “compete ao *blufu ndan* vigiar sobre o bom funcionamento das classes etárias intervindo junto dos chefes de grupo com conselhos nas dificuldades e reforçando a sua autoridade”. Caso exista um desentendimento entre os membros dos demais grupos, “é papel do *blufu ndan* apaziguar e restabelecer a harmonia no grupo, mas caso não o consiga, deve levar o assunto à decisão dos anciãos pois não terá outra possibilidade de recurso [...]”. (CAMMILLERI, 2010, p. 67).

O autor também afirma que o *blufu ndan* frequentemente mora com mulheres e tem filhos que não podem considerar seus até que seja circuncidado. Nesses casos, ele frequentemente recebe autoridade total para se tornar um advogado do conselho da aldeia e, na ausência de um chefe de família, ele assume a responsabilidade de toda a família para com a comunidade.

Com toda essa autoridade Cammilleri (2010, p. 68) afirma que;

Apesar de ter todas essas responsabilidades, não pode participar no conselho da aldeia, depende e está submisso ainda ao pai em tudo, para o casamento, para mandar nos filhos, nos aspectos econômicos e políticos, enquanto não for adulto não tem acesso a nenhum diálogo com os antepassados, com os espíritos tutelares e, menos ainda, com N'hala, o espírito supremo. Para ser reconhecido como homem completo e responsável na primeira pessoa, o *blufu ndam* deve terminar a última etapa da sua formação que o introduzirá no mundo dos adultos. (2010, p. 68).

Portanto, dá para entender que o ritual de iniciação, é o ritual mais sagrado e também valorizado no grupo étnico Balanta, pois para ter autoridade na sociedade é preciso passar por essa cerimônia, assunto que abordaremos na frente com mais detalhes.

#### 6.4 REQUISITOS E PREPARATIVOS PARA O RITUAL DE FANADO

Normalmente, os anciãos (*omis garandis da tabanca*), costumam convocar uma assembleia para a realização do fanado. O processo ritualístico do fanado é realizado de dez em dez anos, dependendo da circunstância. Se a tabanca está atravessando problemas por exemplo da má colheita ou uma doença, a cerimônia é adiada. Habitualmente, se realiza no ano de muito cultivo. Segundo Cutsau<sup>8</sup> (2017, p. 15) “Os homens grandes da tabanca reúnem-se entre eles com a finalidade de seleccionar os nomes dos candidatos”. No entanto, o mesmo autor explica que, “isso se fez para

<sup>8</sup> Disponível em: <https://bityli.com/rjMWr>. Acesso em: 15 de jul. de 2021

evitar a coincidência dos irmãos em serem circuncidados no mesmo ano ou outro motivo, como a doença [...]. Ao candidato aprovado, geralmente é entregue alguns objetos, tais como: a faca, o alicate e a cauda da vaca”. Ainda o mesmo autor explica que os candidatos são obrigados a providenciar pelo menos três porcos, um para o tio que o protege de qualquer perigo no último dia da cerimônia para decida no bolanha (arrozal), os outros são para grandes figuras da tabanca (anciãos), estes são responsáveis por decorá-la após a saída da tenda (CUTSAU, 2017, p. 15). Depois de cumprir todos os requisitos, “são levados para o mato durante dois meses pelos homens grandes, lá são circuncidados e recebem formação dos mais velhos a todos os níveis culturais, sociais e morais da sua etnia” (WANGRA<sup>9</sup>).

## 6.5 FÓO O RITUAL DE INICIAÇÃO, NO GRUPO ÉTNICO BALANTA

Concebido como um ato de transição para a idade adulta, ele serve como um elemento estrutural das relações sociopolíticas dos Balanta. O ritual de iniciação (fanado), é o mais importante de todas as cerimônias que um homem balanta pode fazer, por isso, é considerado pelos mais velhos do grupo étnico Balanta como a fase mais importante nessa sociedade. Segundo Simões (1935, p. 19), “esse ritual é unanimemente considerado, tanto pelos analistas, quanto pela própria sociedade, como a mais poderosa instituição política e elemento estruturante e regulador da dinâmica social e do poder”. “Portanto merece toda a concentração dos familiares pertence a ele” (CUTSAU, 2017, p. 15).

Na tradição oral Balanta, o rito de iniciação em seus diversos estágios, seja ele referente ao sexo masculino ou ao sexo feminino, desempenha importante papel educativo e social. Através do rito de iniciação, as pessoas iniciadas recebem vários ensinamentos que servem para regulamentar seus comportamentos na sociedade, por meio dos quais elas passarão a ser reconhecidas como suficientemente maduras na sociedade, podendo assumir grandes responsabilidades no seio da família. (NAMONE, 2020). Em função disso, Simões (1935, p. 25) afirma que “é a partir do contato com a instituição do fanado que começa a fase de maior responsabilidade social” na comunidade balanta, cabendo-lhes assumirem as suas responsabilidades sócio-políticas e culturais.

Segundo Cammilleri (2010), na cultura Balanta, só um homem velho e que já passou pelo ritual de fanado é membro efetivo da aldeia, mesmo que um jovem seja fisicamente maduro e tecnicamente aperfeiçoado, ele é considerado moço, ou seja, a sua extraordinária função não foi confirmada pela sociedade onde o jovem está inserido. Nesta linha, Simões (1935, p. 25), explica que

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/03/28/jornal/balanta-guinebissau-186188>. Acesso no dia 04.jul.2021.



no grupo étnico Balanta, “quem não for circuncidado além de lhe vedado o exercício de alguns direitos sagrados, é também visto aos olhos dos circuncidados como um imaturo e sem dignidade de presenciar alguns momentos da vida do grupo” e ainda mesmo autor afirma que “em certos casos, é impedido de participar nas conversas, comer ou beber juntamente com a “elite”, os *Lanté N’dan*”.

Gennep (2012), afirma o seguinte:

todo indivíduo ou grupo que por seu nascimento ou por qualidades especiais adquiridas não têm direito imediato de entrar numa casa determinada desta espécie e instalar-se em uma destas subdivisões encontram-se assim em um estado de isolamento, que toma duas formas, encontradas separadamente ou combinadas. São fracos por estarem fora desta sociedade especial ou geral; são fortes por estarem no mundo sagrado uma vez que esta sociedade constitui para seus membros o mundo profano. (GENNEP, 2012, p. 43).

No grupo Balanta, “[...] para o homem o ritual *fo* (ritual de circuncisão “fanado” na língua Balanta) determina-o exclusivamente como “macho” ao nível sexual” (CAMMILLERI, 2010, p. 70-71). Nesse sentido, podemos perceber a importância que alguns grupos étnicos atribuem à cerimônia de circuncisão, segundo Timbane e Namone (2018, p. 10), mostram que:

[...]. Nessa nação, principalmente, nas zonas rurais o indivíduo que não passou pelos ritos de iniciação é considerado culturalmente imaturo (mesmo tendo diploma universitário ou 100 anos ou mais de idade) porque não possuiu uma formação cultural e por isso não tem legitimidade de participar na tomada da decisão da sua comunidade ou de participar em eventos considerados de adultos. Significa que a o amadurecimento físico deve estar em sintonia com o amadurecimento cultural.

Para balantas, a educação masculina é muito importante na comunidade, e é a partir dela que os jovens começam a aprender sobre a comunidade e as suas trajetórias sociais e culturais para se tornarem homens na comunidade, o que deve ser reconhecido pela formação dos idosos ou seja, nesse processo, os meninos aprendem as diferentes técnicas e modos comportamentais que os tornam como “agentes” grandes na comunidade, sendo, portanto, reconhecidos, social, e cultural politicamente. (TCHUDA, 2019).

Na etnia Balanta, quando é anunciado a cerimônia de iniciação na tabanca (aldeia), o desejo dos pais, dos tios e da comunidade em geral é ver os filhos participarem nas cerimônias, porque eles são responsáveis para o cuidado dos sobrinhos durante a jornada no mato, é um orgulho ver o tio a cuidar do seu sobrinho. “Nas descrições das cerimônias de iniciação é mencionada, em algumas tribos, a presença de padrinhos e madrinhas. Eles e elas, juntamente com o pai, acompanham o noviço em diversos momentos das cerimônias”. (MANSK, 2009, p. 38). Esse processo de fanado e do

cuidado dos sobrinhos, passa a ser uma competição, na comunidade pois, cada um fica a mostrar que tem mais carinho e amor para com sobrinho.

Cuidar dos sobrinhos é uma grande responsabilidade dos tios, porque durante a cerimônia do fanado os feiticeiros podem querer fazer mal aos recém-circuncidados então, por isso, os tios ficam muito atento para que nada de mal os aconteça nas matas e que ninguém toque nos seus sobrinhos. “lá está o grande perigo porque na ausência dos tios de qualquer indivíduo que está sendo circuncidado, pode causar graves consequências: por isso, é fácil verificar muitos com problemas mentais e perda da vida física depois de terem saídos do mato”. (CUTSAU, 2017, p. 15).

De acordo com Sia:

[...] no momento da ida ao fanado, os tios paternos não podem tocar os seus sobrinhos e o tio materno deve estar atento naquele dia para que nada de mal aconteça ao seu sobrinho, visto que nesse dia as pessoas maléficas aproveitam para fazer algo de mal para os candidatos ao fanado. Devido à importância do tio materno tanto vida social como na vida espiritual dos seus sobrinhos, os pais advertem os seus filhos a respeitar e amar aos seus tios”. (SIA, 2017, p. 27).

Na explicação do Simões (1935, p. 25), “um Balanta tradicionalmente é levado ao fanado adulto pelo seu pai biológico ou adotivo, mas também, em casos particulares, pelo tio materno” Se o filho ou sobrinho recusar a proposta do tio para participar na cerimônia é considerado um desrespeito tanto por parte do tio, quanto por parte do pai e de toda família. Também é importante evidenciar que a participação na cerimônia de fanado é muito importante para comunidade Balanta, por isso, todos sentem orgulho de participar nessa cerimônia.

O mesmo também com as meninas, na sociedade Balanta nenhum pai ou homem Balanta, não pretende ver a filha grávida fora do casamento, ou melhor, sem casar-se, isso é considerado um desrespeito e uma vergonha para a família na sociedade dos balantas. Desejo de todo pai é ver a filha a casar e depois ficar grávida no casamento, é uma honra para família. Esse exemplo dá para entender o porquê que um pai e tio gostariam sempre de ver o filho a fazer parte na cerimônia de iniciação (fanado).

O ritual de circuncisão (fanado), tem grande impacto na sociedade brassá, pois hoje em dia o desejo dos jovens balantas é passar no processo do fanado para ser considerado um homem de verdade com caráter respeito e fazer parte do grupo dos iniciados (*blanté ndan*). Nesse sentido, “a iniciação dos jovens tende a adquirir, em muitas sociedades, uma espécie de autonomia, com uma recriação de formas alternativas de vida social, fundadas em princípios diversos daqueles que vigoram no mundo diário” (GENNEP, 2012, p. 17). Chegar essa fase de vida é uma coisa muito importante

na vida de um homem Balanta. “A posição ocupada dentro destas esferas organizativas define em qual, ou em quais rituais, uma pessoa pode entrar inserida, bem como, que papéis se espera que sejam desenvolvidos durante e após o processo ritual”. (DELGADO, 2008, p. 46). Porém, na cerimônia de *toka tchur*, os anciões costumavam ficar em grupo. Entretanto, quem não foi iniciado não pode nem chegar aonde eles estão.

De acordo com Cammilleri:

a sociedade brasa é de caráter gerontocrata não só pelo poder estar na mão dos que têm maior número de anos, mas por estar na mão dos que dentro deles encarnam mais os valores em que se baseia a sociedade. Acede-se ao estatuto de ancião (*hal ndan*) depois de se ter completado todo o período de educação tradicional, distribuído pelas classes de idade e depois de se ter sido introduzido no mundo das relações vitais com os antepassados e com as forças espirituais. (CAMMILLERI, 2010, p. 71).

Segundo Mansk (2009, p. 29), “os ritos de passagem referem-se aos momentos de mudança e de transição na vida de pessoas de grupos sociais para novas etapas de vida e de status”. Na concepção Balanta, quando uma pessoa passa pelo ritual de iniciação (*fanado*), ele pode assumir a sua responsabilidade de cuidar da família, assumir a morança, porque na percepção dos balantas ela passa a ter a maturidade ou a capacidade de assumir todos esses cargos na morança, ou seja, da comunidade. Quando um jovem passa pelo ritual de *fanado*, ele “passa a ocupar um lugar significativo para dramatização de posição sociais diferenciadas, [...], elemento passa a ser socialmente significativo”. Com essa condição, essa pessoa passa a ter “um peso coercitivo específico, um peso político fundamental, um papel crítico na dramatização (ou ritualização) das situações sociais[...]”. (GENNEP, 2012, p. 12).

O principal significado do rito, para Van Gennep, é “realizar uma espécie de costura entre posição e domínios na vida social. Desde o nascimento até à morte, o indivíduo se submete a cerimônias que o ajudam a passar de um lugar a outro, de um status a outro, de uma idade a outra, e assim sucessivamente”. (MANSK 2009, p. 24 apud GENNEP, 2012).

Não se pode levar uma pessoa de uma forma obrigatória para barraca de *fanado*, ela pode ir com a sua própria vontade e da sua família, ou seja, o candidato deve exprimir livremente o seu consentimento para participar neste grande evento. “Por um lado, é deixada ao jovem a liberdade de participação, mas, por outro lado, são por ele conhecidas as duras consequências sociais a que estaria condenado em caso de recusa” (CAMMILLERI, 2010, p.72).

Entretanto, verifica-se que, é difícil um jovem Balanta recusar a proposta de ir participar na cerimônia do *fanado*, porém, eles querem sempre conquistar a fama, o respeito que a sociedade dá

para um homem que atingiu essa fase, direito de participar na tomada de grandes decisões e nos rituais mais importantes da família ou da comunidade. Porém, vale salientar que em alguns casos alguns jovens recusam-se de ir ao fanado, esses jovens são na maioria católicos e protestante, aqueles que converterem por motivo de alguma doença que ele pensa que pode ser devido à feitiçaria, então eles passam a ver as cerimônias como uma prática satânica, pois envolve ter com contato com deuses. A maioria desses jovens sofrem consequências sociais sérias, porque não são respeitados pelas mulheres e até crianças, pois na concepção Balanta essa pessoa não tem maturidade suficiente para fazer parte do conselho dos anciãos.

este ritual é fundamental importante na cultura urasa e é desejado ardentemente não só pelos blufus ndan, como é compreensível, mas também por toda a família e em particular, pelas mulheres dos blufu. Todas as mulheres urasa sente-se orgulhosa de pertencer a um alante ndan, homem considerado adulto, completo, capaz de assumir responsabilidades e ser independente dos outros (CAMMILLERI, 2010, p. 69).

Para Mansk (2009, p. 30), o “ritos de passagem têm a importante função de reduzir os efeitos nocivos causados pelas mudanças de estado que perturbam a vida social e individual”. Não só na etnia Balanta, mas também tem um valor noutros mosaicos étnicos que formam a sociedade guineense, por exemplo: Pepel, Nalu, Bijagó, Felupe, Mandinga etc.

Na etnia Balanta o fanado não é só no sentido da higiene masculina, mas para eles o fanado tem outro sentido e valor que eles atribuem para esse ritual, pois para um homem Balanta quando cumpre todas as etapas de formação masculina, ele passa a ser considerado como um *alanté ndan* (homem que já cumpriu o ritual e passa a fazer parte do conselho dos anciões), e ser respeitado na sociedade, mesmo sendo uma pessoa que todos não respeitavam. “Assim, o ritual seria o elemento básico que permitiria relacionar uma pessoa a um dado papel social, sobretudo quando esse papel social tem um caráter corporado, como é o caso das chefias. (GENNEP, 2012, p. 19). Então, é por isso que os Balantas consideram o fanado como uma cerimônia mais importante que um jovem ou homem Balanta possa fazer.

Segundo Cammilleri (2010, p. 75):

a partir desse momento o jovem muda de nome, não é mais um blufu, mas sim um lambe (nome que deriva da raiz lamma que indica comandar, indicar e ensinar; da mesma raiz deriva também a palavra lama que significa chefe, responsável, comandante). Os lambe constituem o primeiro grau da classe dos chamados lambe ndan que significa: homem grande, homem adulto, homem verdadeiro.

Desde muito tempo e até hoje na Guiné-Bissau, a maioria dos jovens que fazem parte do grupo étnico Balanta pretendem fazer parte dos *lanté ndan* ou dos homens do barrito vermelho (homens velhos). Segundo Namone (2020), a cerimônia de fanado (circuncisão) tem grande importância e no decorrer dessa cerimônia muitos ensinamentos são transmitidos para jovens Brassá, pois para.

vale dizer que, na sociedade balanta, uma pessoa que não passou pela escola de iniciação, mesmo tendo diploma universitário, é considerado imaturo pelo fato de desconhecer diversos códigos que regulamentam o comportamento e a vivência nessa sociedade. Esses códigos podem variar desde a fala, o olhar, a expressão facial, a expressão bucal, o ruído no esôfago, o toque de tambor (bombolon em crioulo e fimbumbur ou finkilim em balanta), o assopro do chifre do animal (ftebm), entre outros códigos. Todos eles desempenham importante papel educativo na sociedade balanta. (NAMONE, 2020, p. 43).

Na concepção Balanta o fanado tem como sentido, fazer a pessoa conhecer o seu lugar em qualquer espaço sociocultural, o significa em crioulo (*kunsi udju*). Durante o retiro na mata, os mais velhos (anciões) passam alguns ensinamentos para os jovens recém-circuncidados, como, por exemplo, aprender tocar *bombolom* é (um instrumento de Comunicação tradicional usado nas cerimônias fúnebres, cerimônias importantes, notícia do falecimento ou invasão às *Tabankas* pelas pessoas estranhas. As etnias Pepel, Balanta, Mandjaku, Mancanhe, Felupe, bijagó, usam-no nos seus rituais tradicionais). “Esses ritos de iniciação desempenham função pedagógica de alto nível, pois são através deles que os iniciados são ensinados a se comportar e assumir grandes responsabilidades, tanto na sociedade balanta, como em qualquer outra sociedade”. (NAMONE, 2020, p. 135). Nos ritos de passagem,

os jovens não só aprendem os modelos mais básicos do seu sistema, mas, fazendo isso, descobrem uma forma alternativa de viver socialmente num mundo onde as famílias e as crianças desaparecem e com elas as diferenças que constituem a principal raiz dos seus conflitos cotidianos. Por isso, as iniciações e os períodos liminais são formas paradoxais. Ao mesmo tempo que inculcam valores e reprimem sentimentos, elas também apontam na direção de sistemas de comportamento alternativos. (GENNEP, 2012, p. 18).

Além de aprender a tocar, eles também aprendem a interpretar a mensagem que está sendo passada durante o toque, também aprendem durante todo esse tempo alguns sinais e códigos que só uma pessoa que cumpriu com o ritual de fanado é que pode decifrar ou interpretar, mas essa mensagem não pode ser contada para as mulheres e aqueles que não o foram.

## 7 METODOLOGIA

Conforme a proposta do projeto, pretende-se trabalhar com o método de abordagem qualitativa de caráter interpretativo e exploratório. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2002), responde à questão muito particular. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados dos motivos das aspirações das crenças dos valores e das atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, isto é, uma tentativa de compreender de forma detalhada os significados baseados no caráter subjetivo do problema em análise. O universo das percepções, dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos, ou seja, tratados através da operacionalização estatística.

Aplicar-se-ão com as técnicas as seguintes: a pesquisa bibliográfica, segundo Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é um caminho fundamental em toda pesquisa científica que animara todas as etapas de um trabalho estudado, na medida em que permite o investigador fazer uma radiografia bibliográfica para saber os trabalhos que já foram produzidos sobre o assunto, ou seja, é uma pesquisa

desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definidas como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias bem como aquelas que se propõe à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44)

É uma ferramenta que permite o investigador tirar as nossas ilações sobre o assunto com outros prismas analíticos e interpretativos. Posto isso, consultaremos os trabalhos produzidos no Instituto de Pesquisa (INEP) na Guiné-Bissau, *Jornal Nõ Pintcha*, Diário de Bissau, casa comum desenvolvido por Fundação Mário Soares. Consultaremos livros, artigos, revistas e monografias de alguns autores que abordaram sobre o assunto. A pesquisa bibliográfica vai nos “permitir [...] a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p. 50)

Para isso, pretendemos realizar um estudo de campo. Gil (2008), a investigação de campo procura um aprofundamento de uma realidade específica. Trata-se basicamente da realidade por meio da observação direta das atividades do grupo de estudo e de entrevistas com informantes, para capturar as explicações do ocorrido naquela realidade. É uma técnica que vai nos permitir

compreender, analisar e interpretar os fenômenos. Para obtenção de um bom resultado de pesquisa, será utilizado a técnica da entrevista semiestruturada. Segundo Lima, Almeida & Lima (1999, p. 4 apud Triviños, 1987, p. s/d), a entrevistas semiestruturadas, de acordo com os principais pontos apresentados pelos pesquisadores, os informantes podem falar sobre suas experiências, permitem que os informantes respondam de forma livre e espontânea e valoriza o papel do entrevistador. As questões elaboradas para a entrevista levaram em consideração o embasamento teórico da pesquisa e as informações sobre fenômenos sociais coletadas pelos pesquisadores. E para Moysés e Moori, (2007), os questionários geralmente são utilizados para a obtenção de grandes quantidades de dados, geralmente para análises qualitativas.

No entanto, vale salientar que, caso não haja a possibilidade financeira da deslocação para a Guiné-Bissau, vamos fazer entrevista de uma forma remota, através do uso de rede sociais como, Facebook, Whatsapp, através de vídeo chamada. Os entrevistados vão ser escolhidos conforme seus conhecimentos sobre o assunto, respeitando as delimitações geográficas. Pretendemos fazer entrevistas com os *lanté ndan* (homens velhos que já passaram no ritual de fanado), e jovens balantas que fazem parte dos que já foram ao fanado, nas cidades de Bissau, Empada e Bissorã, e no Brasil pretendemos entrevistar os jovens da etnia Balanta que já foram no fanado.

## 8 CRONOGRAMA

Calendário para atividades	Primeiro semestre ou mês	Segundo semestre ou mês	Terceiro semestre ou mês	Quarto semestre ou mês	Quinto semestre ou mês
Revisão bibliográfica	X				
Análise e discussão teórica		X			
Fichamentos das bibliografias e recolha dos dados			X	X	
Elaboração do projeto				X	
Revisão da redação				X	
Apresentação dos resultados ou defesa pública					X

## REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente, 1939- **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialíssimo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia Turístico: À Descoberta da Guiné-Bissau**. Gráfica Ediliber, Coimbra, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3iU0dVo>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

CABRAL, A. & COMITINI, C. de (orgs) **A arma da teoria**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980

CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. Tradução de Lino Bicari e Maria Fernanda Dâmaso. Lisboa: Colibri, 2010.

CARDOSO, Augusto. **Saberes e práticas tradicionais da etnia bijagós e suas relações com a organização, a gestão e a conservação da biodiversidade na guiné-bissau**. 2010.

DELGADO, Paulo Sérgio. **Entre a estrutura e a performance: ritual de iniciação e faccionalismo entre os Xavante da Terra Indígena São Marcos / Paulo Sérgio Delgado**. – 2008.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.**; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis, Vozes, 2012.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.



GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Iongna, Armando Na. **O casamento na etnia Balanta : tradição e modernidade / Armando Na Iongna**. - 2019.

SEIDE, Seco Braima. **Organização social, política e cultural da etnia Balanta / Seco Braima Seide**. – 2017.

SEMEDO, Rui Jorge. **Técnicas e Saberes Locais da Tradição Balanta**. Edição Tininguena, Bissau, 2015.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta: usos, costumes e rituais**. 2015. 68 p. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

SIA, Isna Gabriel. **Danças do povo Brasa (Balanta) da Guiné-Bissau na contemporaneidade: Kussunde, Kanta Po e Broska**. 2017.

SIA, Isna Gabriel; CAFÉ, Anderson Luis Da Paixão. **As resistências guineenses frente às imposições do modelo educacional português: as práticas de liberdade do povo Brasa (Balanta) reveladas em seus processos formativos**. Latin American Journal of Development, v. 3, n. 3, p. 1472-1490, 2021.

SIMÕES, Landerset. **Babel negra: Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Porto: O Comercio do Porto, Porto, 1935.

SIA, Isna Gabriel. **Danças do Povo Brasa (Balanta) na Contemporaneidade: Kussunde, Kanta Po e Broska**. Mauritius: Beau Bassin; Novas Edições Acadêmicas, 2017, p. 84.

TIMBANE, Alexandre António; NAMONE, Dabana. **Tensão entre escrita e oralidade no ensino-aprendizagem do português na etnia Balanta Brassa (Tombali) da Guiné-Bissau**. Revista (Entre Parênteses), v. 7, n. 1, 2018.

TCHUDA, Jair João. **Masculinidades negras em trânsito: ser homem no grupo étnico brasa-balanta da Guiné-Bissau**. 2019. 23 p. projeto (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde-BA, 2019.

Lima, M. A. D. D. S., Almeida, M. C. P. D., & Lima, C. C. (1999). **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem**. Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142)

Mansk, Erli. **A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja / Erli Mansk; orientador Nelson Kirst**. – São Leopoldo: EST/PPG, 2009.

M'BUNDE, Timóteo Saba. **As políticas externas brasileiras e chinesas para a Guiné-Bissau em abordagem comparada (1974-2014)**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. 302 p.; 32 cm.

MOYSÉS Gerson Luís Russo e MOORI. Roberto Giro. **COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE A ELABORAÇÃO, A VALIDAÇÃO E A APLICAÇÃO ELETRÔNICA DE QUESTIONÁRIO**. Disponível em <https://bit.ly/2S87few>. Acesso em 28/01/2021.

NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali**. 2020.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional**. 2014.

O livro na rua. **Funag**. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/35uXFoR> >. Acesso em: 03, de maio 2021.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. História geral da África, v. 1, p. 157-179, 2010.